

TEXTOS **(Sugestões para Seminários)**

AS RAZÕES DO HISTORIADOR **(FLÁVIO JOSEFO)**

Tenho observado que aqueles que tentam escrever histórias são levados não por um mesmo objetivo, mas pelos mais diferentes motivos. Alguns, ansiosos para exibir sua competência literária e ganhar daí a fama almejada, lançam-se nesse departamento de letras; outros, para obsequiar as pessoas a quem o relato referiu-se, têm empreendido o necessário trabalho, embora muito além dos seus poderes; há aqueles que têm sido compelidos pela pura força dos acontecimentos nos quais eles mesmos tomaram parte, expende os eventos numa narrativa compreensiva; enquanto vários outros têm sido persuadidos pela predominante ignorância acerca dos importantes assuntos de utilidade geral, publicando sua história para o proveito público. Dos motivos supramencionados, os dois últimos aplicam-se sobre mim mesmo. Pois, tendo conhecido, por experiências, a guerra que nós judeus, movemos contra os romanos, os incidentes no seu procedimento e no seu desfecho, fui forçado a narrar tudo isso detalhadamente a fim de refutar aqueles que, nas suas obras estavam violando a verdade.

(*Antiguidades Judaicas*, I. “Apud” Pinsky, Jaime - *Cem textos de História Antiga*, p. 150. São Paulo, Hucitec, 1972.

O QUE ME FAZ ACREDITAR NO BRASIL (VICENTE LICÍNIO CARDOSO)

O maior estimulante que encontro nessa crença num Brasil futuro é reconhecer que os homens mais graves e mais cultos que têm sido aqui desenvolvidos, viveram inspirados nessa mesma fé criadora e renovadora de energias, fê forte bastante para exigir deles, muitas vezes, o sacrifício de uma vida de comodidades fáceis trocadas por uma tumultuosa de arremessos fragmentados na luta veementíssima contra escolhos temerosos e solapadores, quais aqueles em que se resume um ambiente social caótico em via ainda de formação definida.

É José Bonifácio, abandonando suas glórias conquistadas na Europa, para vir ser aqui o patriarca tutelar de nossa independência em lutas tantas vezes ingrata; é Feijó, a energia salvadora no momento talvez mais crítico de nossa história; são Paraná e Nabuco, dois grandes construtores da pátria; é Pedro II, filho de nossa terra, o imperador magnânimo por havê-la por si mesmo tão pouco governado; são os dois Rio Branco, obreiros notáveis de nossa história; é Benjamin Constant, uma seqüência viva de sacrifícios, o pai espiritual da República; são, enfim, Euclides da Cunha, o artista trágico, Alberto Torres, o pensador desconhecido, Farias Brito, o filósofo sem discípulos, os três marcos iniciais decisivos da independência espiritual do pensamento e da cultura brasileiros.

(**Figuras e conceitos**, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924. “Apud” Vita, Luís Washington - **Antologia do pensamento social e político do Brasil**, p. 298. São Paulo, Grijalbo, 1968.